

INTERSUBJETIVIDADE E COMUNICAÇÃO: A abordagem filosófica e cultural de Vilém Flusser¹

INTERSUBJECTIVITY AND COMMUNICATION: The philosophical and cultural approach of Vilém Flusser

Diogo Andrade Bornhausen ²

Resumo:

Este artigo investiga o conceito de intersubjetividade em Vilém Flusser, abordando-o em três dimensões centrais: suas bases filosóficas, estabelecidas em diálogo com Martin Buber, Edmund Husserl e Martin Heidegger; sua aplicação na filosofia da cultura, ao articular epistemologia, ética e estética; e sua pertinência para a teoria da mídia, ao propor a intersubjetividade como via para repensar as relações humanas no contexto tecnológico. A análise fundamenta-se em textos inéditos de Flusser, disponíveis no Arquivo Vilém Flusser São Paulo, nos quais a intersubjetividade é concebida como estratégia metodológica para superar a fragmentação tecnicista. Dessa forma, o autor aponta para uma abordagem ecológica da comunicação, ancorada no diálogo, na criatividade e na integração de saberes, oferecendo um horizonte renovador para as relações culturais e tecnológicas contemporâneas.

Palavras-chave: Vilém Flusser; Intersubjetividade; Cultura e Tecnologia.

Abstract:

This article examines the concept of intersubjectivity in Vilém Flusser, addressing it in three key dimensions: (i) its philosophical foundations, established in dialogue with Martin Buber, Edmund Husserl, and Martin Heidegger; (ii) its application to cultural philosophy by interweaving epistemology, ethics, and aesthetics; and (iii) its relevance to media theory, proposing intersubjectivity as a means to rethink human relations in a technological context. The analysis draws on previously unpublished writings by Flusser, available at the Vilém Flusser Archive in São Paulo, where intersubjectivity is conceived as a methodological strategy to overcome the technicist fragmentation. In this sense, Flusser points to an ecological approach to communication, grounded in dialogue, creativity, and the integration of knowledge, offering a renewed horizon for contemporary cultural and technological relationships.

Keywords: Vilém Flusser; Intersubjectivity; Culture and Technology.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

² Professor Convidado da Pós-Graduação em Ciências Humanas, Mención Discurso y Cultura (UACH, Chile), Professor do Centro Universitário Armando Álvares Penteado e Diretor de Pesquisas do Arquivo Vilém Flusser São Paulo, Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), diogobornhausen@gmail.com

Introdução

A trajetória intelectual de Vilém Flusser (1920–1991) distingue-se por uma abordagem interdisciplinar e crítica, na qual se entrecruzam reflexões sobre cultura, comunicação e tecnologia. Em diálogo com tradições filosóficas diversas, Flusser questiona modelos hegemônicos de pensamento, propondo uma perspectiva que integra epistemologia, ética e estética. No cerne de sua análise, destaca-se o conceito de intersubjetividade, entendido não apenas como tópico filosófico, mas como elemento transversal capaz de iluminar a produção cultural, a configuração dos meios de comunicação e as relações tecnológicas contemporâneas.

Este artigo parte de textos inéditos de Vilém Flusser, disponíveis no Arquivo Vilém Flusser São Paulo, e tem como objetivo aprofundar as múltiplas dimensões do conceito de intersubjetividade em seu pensamento. A relevância dessa abordagem reside na constatação de que, para Flusser, a intersubjetividade vai além de uma noção teórica: ela constitui um horizonte metodológico e crítico que possibilita repensar a fragmentação dos saberes e propor soluções dialógicas para os desafios de nossa era.

A fim de explorar essa proposta, a discussão organiza-se em três principais movimentos. Primeiramente, situa-se o conceito de intersubjetividade na obra de Flusser, em diálogo com pensadores como Martin Buber, Edmund Husserl e Martin Heidegger. Esse percurso filosófico e existencial evidencia o caráter relacional da intersubjetividade em Flusser, ancorada tanto em suas experiências pessoais como nos fundamentos de uma fenomenologia intersubjetiva. Em seguida, aborda-se a maneira pela qual Flusser conduz esse conceito para sua filosofia da cultura, vinculando a intersubjetividade aos modelos de pensamento que ele compreende em termos epistemológicos, éticos e estéticos. Esta abordagem revela como o autor propõe uma visão integrada e dinâmica da experiência cultural, contrapondo-se a visões fragmentárias e ao tecnicismo excessivo.

Finalmente, examina-se o papel desempenhado pela intersubjetividade na formulação da teoria da mídia flusseriana, notadamente em suas análises das tecnologias e nas implicações destas para as relações sociais. Nesse ponto, a intersubjetividade emerge como ferramenta

metodológica de reflexão crítica sobre os processos de produção e circulação de informações, bem como sobre as relações que se estabelecem entre os sujeitos e as estruturas tecnológicas. A partir daí, são discutidas as possibilidades de uma abordagem ecológica da comunicação, na qual a intersubjetividade se apresenta como fundamento para repensar a integração de saberes e práticas sociais e para superar a homogeneização cultural e a alienação promovidas pelos aparelhos comunicacionais.

Ao fim, argumenta-se que essa concepção flusseriana de intersubjetividade oferece uma contribuição singular para o campo da comunicação e para o debate sobre os desafios contemporâneos. Longe de ser apenas uma perspectiva teórica, a intersubjetividade assume feições metodológicas e críticas, propondo caminhos de diálogo, criatividade e pluralidade que se mostram centrais para a construção de uma sociedade mais conectada e consciente de suas relações culturais e tecnológicas. Assim, espera-se demonstrar como o pensamento de Flusser segue fértil para compreender e reconfigurar as relações humanas no cenário atual, lançando luz sobre a importância de práticas comunicacionais fundadas na reciprocidade e na abertura ao outro.

Intersubjetividade e a Sacralidade do Diálogo

A concepção de intersubjetividade em Vilém Flusser mostra-se intrinsecamente ligada à sua trajetória de vida, marcada por deslocamentos, perdas e pela intensa influência das tradições religiosas e filosóficas que o acompanharam. Descendente de uma família judaica, viu-se forçado a fugir do nazismo em 1938, abandonando a Europa e testemunhando o exílio e a morte de parentes em campos de concentração. Essas vivências extremas, somadas a seu desenraizamento cultural, contribuíram decisivamente para a constituição de sua perspectiva sobre o mundo e sobre as relações humanas, tornando a alteridade um eixo central de suas reflexões.

No livro *Atestado de falta de fundamento* (FLUSSER, 197-), sua autobiografia filosófica, o autor articula a experiência do exílio à condição de estar “sem chão”, entendida como a perda das referências culturais que outrora sustentavam sua identidade. Esse desenraizamento ultrapassa a simples noção de desterro, convertendo-se em uma realidade ontológica que redefine a interação com o outro. Em sua análise, Flusser destaca que o processo

de reelaboração identitária ocorre por meio de encontros e tensões com a alteridade, nos quais a abertura ao outro possibilita transformações mútuas. Ainda assim, essa dinâmica não anula a incompletude relacional: o outro permanece, em essência, insondável, preservando assim a diferença que alimenta o diálogo. Esta relação é expressa nesta obra nos diversos perfilamentos que fez sobre encontros que marcaram sua biografia, como o feito sobre Romy Fink, judeu inglês que conviveu com Flusser em São Paulo, quando descreve:

‘Vir a conhecer alguém’ é processo melhor designado por ‘aprender que o outro é irreconhecível’. Quanto mais penetro o outro, tanto mais me perco dentro dos seus abismos. Mas tal descrição falsifica a essência do processo. Na realidade, o outro se abre para mim na medida na qual eu me abro para ele. O mistério abismal do outro é revelado pela sucção mútua (‘atração’), que é a essência do diálogo entre amigos. (FLUSSER, 197-, p. 94).

Flusser vê nessa interação uma dimensão sacral, especialmente vinculada à memória e à continuidade da existência. Influenciado pela tradição judaica, ele concebe a recordação como elemento central na formação do eu, uma vez que a permanência de um sujeito encontra-se, em grande medida, ancorada na lembrança que deixa no outro. Assim, a intersubjetividade adquire um caráter transcendente, aproximando-se de uma religiosidade que confere sentido à vida ao superar a mera existência física.

Essa noção, no entanto, não implica fusão ou assimilação total, mas guarda em si o problema central da antropofagia: “como incorporar o outro, e como ser incorporado pelo outro, sem que se perca a diferença de identidade?” (FLUSSER, 1982, p. 2). Escrito em 1982 e dedicado a Dora Ferreira da Silva, o ensaio que apresenta essa reflexão esclarece a profundidade com a qual Flusser via este campo relacional. Intitulado *Ame o teu outro como a ti próprio*, resgata outra face de sua tradição judaica, desta vez a partir da expressão de Hillel, o ancião (70 a.c – 10 d.C.), cujas interpretações são importantes à tradição talmúdica. Nesta lição fica claro o destaque ao “teu outro” em contraposição à leitura cristã, “teu próximo”, enfatizando o valor do campo da alteridade como *locus* para o amor e a experiência do divino. Desse modo, o vínculo intersubjetivo não se confunde com a objetificação do outro, mas se constrói mediante uma abertura genuína e recíproca, na qual cada sujeito se transforma pela interação com o outro, sem perder de vista a irrepetível singularidade de cada um.

Apoiando-se em concepções provenientes de diferentes correntes filosóficas, Flusser elabora uma “fenomenologia intersubjetiva” que reflete as influências de Martin Buber,

Edmund Husserl e Martin Heidegger e as experiências concretas de seu próprio exílio e reencontro com a alteridade. Buber, em particular, teve um impacto decisivo na formação do pensamento de Flusser. Este recorda, com admiração, uma palestra de Buber que assistiu em 1934, onde aprendeu sobre o caráter profundamente ético e religioso do diálogo. Na obra *Eu e Tu*, Buber (1974) distingue duas formas fundamentais de relação: a relação “Eu-Tu”, baseada em encontros autênticos e recíprocos, e a relação “Eu-Isso”, em que o outro é tratado como objeto. Flusser incorpora essa distinção ao enfatizar que o diálogo genuíno — na linha da relação Eu-Tu — é o alicerce para a construção de uma intersubjetividade que respeita a alteridade. Nesse tipo de encontro, o outro não é um meio para um fim, mas um parceiro essencial no processo de formação da subjetividade. Para Flusser, essa concepção dialógica da intersubjetividade é um espaço existencial que transcende as relações utilitárias da modernidade, oferecendo um caminho para a construção de identidade, na qual o sujeito encontra sentido e continuidade por meio do outro, reafirmando o valor e a profundidade das conexões humanas (FLUSSER,197-).

Da fenomenologia de Edmund Husserl (2022), Flusser herda a noção de que a experiência do mundo é indissociável de um tecido intersubjetivo que confere sentido à realidade compartilhada. A ênfase na “intencionalidade” — consciência sempre orientada para algo — evidencia o caráter essencialmente relacional do sujeito. Nesse sentido, a intersubjetividade surge como uma ponte que une olhares diversos em torno de um horizonte comum de significados. O método husserliano da *epoché* inspira Flusser a questionar preconceitos e suspender julgamentos prévios, de modo a acolher a multiplicidade de perspectivas que emergem dos diálogos (FLUSSER,1987). Esse procedimento adquire, para Flusser, uma conotação prática e existencial: a intersubjetividade torna-se um meio de reconstruir o pertencimento e superar o isolamento. Por meio dela, o autor concebe a possibilidade de formar vínculos que não apenas acolhem as diferenças, mas as integram, sem que a identidade do sujeito se dilua.

No que concerne a Martin Heidegger (2006), Flusser forma a base para sua concepção de intersubjetividade. Heidegger, ao introduzir os conceitos de *Dasein* (ser-no-mundo) e *Mitsein* (ser-com), argumenta que a existência humana é essencialmente relacional, sempre situada em um contexto social, cultural e histórico. Para ele, o ser humano não se compreende isoladamente, mas em constante relação com os outros que compartilham o mesmo mundo.

Flusser adota essa perspectiva ao entender a intersubjetividade como parte estrutural da existência, rejeitando a ideia de um eu autônomo e autocentrado. Flusser também explora a noção heideggeriana de *Fürsorge* (cuidado), valorizando-a como elemento central de um encontro intersubjetivo autêntico. Para ele, o cuidado se expressa em uma interação que acolhe a alteridade, sem tentar absorvê-la ou submetê-la. Nesse sentido, o imperativo de “ser-com” envolve uma responsabilidade ética e comunicacional, expressa na importância atribuída à linguagem enquanto espaço de co-construção de significados. É nesse âmbito que Flusser identifica o diálogo como prática concreta de reconstrução de sentidos frente às crises de desenraizamento e fragmentação cultural. Assim, a linguagem não se limita a um código de transmissão de informações, mas transforma-se em lugar de encontros, desencontros e possíveis reconciliações com a alteridade.

A articulação dessas referências — Buber, Husserl e Heidegger — confere ao pensamento flusseriano uma plasticidade que atravessa distintos domínios culturais e comunicacionais. Em sua abordagem, a intersubjetividade vai além de um conceito abstrato: ela se torna uma estratégia para observar e interpretar a realidade. Essa perspectiva, fundamentada na ideia de que o sujeito se define em relação contínua e dinâmica com o outro, permite a Flusser explorar o mundo cultural de maneira rica e multifacetada, valorizando a diversidade de olhares. No texto *Pilpul*, publicado na Revista Shalom em 1981, recorre ao Talmud para ilustrar como realizava sua reflexão intersubjetiva.

É ela uma dança em torno de determinado assunto, que ataca o assunto de múltiplos lados, que se afasta do assunto em múltiplas direções, e que volta sempre de novo sobre o assunto, para lá se chocar com os argumentos provindos de direções diferentes. (FLUSSER, 1981, p. 2).

Ao valorizar tanto a diferença intransponível quanto a possibilidade de co-criação, Flusser propõe um caminho em que a memória, o diálogo e o cuidado constituem chaves para compreender a experiência humana em sua riqueza e complexidade. É nessa convergência de dimensões pessoais, religiosas e filosóficas que a intersubjetividade assume o papel de eixo articulador do pensamento flusseriano, abrindo horizontes para a reflexão ética, cultural e comunicacional no contexto contemporâneo.

Objetividade e Subjetividade: Uma Crítica aos Modelos Culturais

Ao aplicar sua compreensão intersubjetiva às questões da cultura e da comunicação, Vilém Flusser desenvolve uma análise dos modelos culturais que estruturam as sociedades e suas formas de expressão. Para ele, esses modelos funcionam como sistemas mediadores, moldando a maneira como as pessoas pensam, agem e se comunicam. Contudo, tais configurações não são tratadas como entidades fixas; Flusser ressalta que elas operam por meio de códigos que podem ser transformados, desencadeando mudanças sociais significativas. Sob esse prisma, a intersubjetividade funciona como método de investigação para compreender de que forma as alterações nos códigos culturais afetam tanto a comunicação quanto as experiências coletivas.

Em sua obra, Flusser propõe três paradigmas de pensamento que atravessam a história: o modelo pré-histórico (FLUSSER, 2008), marcado por imagens tradicionais e por um pensamento mágico-imaginativo; o modelo histórico (FLUSSER, 2010; 1963), fundamentado na escrita linear e na racionalidade progressiva; e o modelo pós-histórico (FLUSSER, 2019a), caracterizado pela produção de imagens técnicas mediadas pela tecnologia. Para Flusser, cada um desses modelos institui condições específicas de vivência da realidade, delineando modos de percepção e reflexão que se cristalizam em comportamentos éticos e comunicacionais. Não se trata apenas de descrever temporalmente a cultura, mas de evidenciar como esses dispositivos simbólicos reconfiguram o horizonte de possibilidades em que os sujeitos se inserem.

A análise de Flusser, porém, ultrapassa a pura descrição histórica ao enfatizar que tais modelos não devem ser vistos como estruturas intransponíveis. Eles atuam como projeções culturais que podem tanto limitar quanto inspirar a ação humana. Assim, quando o sujeito reconhece o caráter idealizado e construído desses modelos, abre-se a possibilidade de propor novas composições culturais que reconfigurem o pensar, o agir e o comunicar. Em um mundo atravessado pela fluidez e pela constante metamorfose tecnológica, Flusser vislumbra nessas revisões modelares um caminho para repensar práticas culturais diante de desafios inéditos.

A oscilação entre estes modelamentos é sintetizada por Flusser em seu texto *A Sociedade Pós-Industrial*, de 1980:

Quando um modelo muda no curso de uma vida, fica-se perturbado, porque a confiança em todos os modelos sofre. E quando toda uma série de modelos muda no curso de uma única geração (como tem acontecido durante os últimos dois séculos), a base mesma da sociedade treme. Mas o clima de tal terremoto, de tal crise de confiança, depende do tipo de modelo que muda. Se mudam os modelos de conhecimento (se o que está acontecendo é “crise científica”), o evento é vivenciado como “progresso”. Se mudam os modelos da experiência (se o que está acontecendo é “crise artística”), o evento, embora de importância primordial, geralmente não alcança o nível da consciência. E se mudam os modelos do comportamento (se o que está acontecendo é “crise político-social”), o evento é vivenciado como catástrofe. (Flusser, 1980, p. 2).

A atualidade de seu pensamento reside na capacidade de antecipar crises éticas que emergem na contemporaneidade. Flusser identifica que essas crises decorrem, em grande medida, da forma como lidamos com as informações e com o próprio processo de recriar e reorganizar o mundo. Em suas análises, detecta-se uma crítica à confiança excessiva no pensamento objetivo, típico da tradição ocidental e frequentemente associado à ciência. Essa modalidade de racionalidade, ao procurar sistematizar e organizar a realidade de modo estritamente lógico, tende a simplificar relações complexas entre sujeito e objeto, minando a imaginação e a criticidade.

Desse ponto de vista, o conhecimento, supostamente neutro, passou a privilegiar a quantificação e a funcionalidade, provocando uma “fragmentação das esferas da realidade” (ibid.). Flusser observa que tal tecnização instrumental, alicerçada na crença científica de neutralidade, afastou progressivamente as dimensões ética e estética das discussões, resultando na conversão do fenômeno vivido em objeto de estudo cada vez mais recortado e descontextualizado. Como consequência, o sujeito se vê desconectado de seu entorno, perdendo a possibilidade de uma percepção mais envolvente e responsável. Essa “crise de percepção” manifesta-se, por exemplo, na maneira como a sociedade se relaciona com as tecnologias e os meios de comunicação, que, em vez de ampliar horizontes, muitas vezes resultam em maior alienação (FLUSSER, 1979).

Para ele, tal cenário não é irreversível. Embora reconheça a gravidade da funcionalização do humano — ilustrada pela inserção dos indivíduos em engrenagens tecnológicas que os reduzem a papéis utilitários —, ele defende uma reorientação radical do

pensamento. Esse reposicionamento supõe uma abordagem intersubjetiva que recupere a capacidade criativa e reflexiva do sujeito, resgatando-o de uma condição meramente operacional. Ao articular epistemologia, ética e estética em uma única perspectiva, Flusser propõe um caminho para enfrentar a alienação contemporânea, no qual a intersubjetividade atua como base de um novo diálogo entre o humano e suas criações tecnológicas.

Essa visão de comunicação, portanto, não se limita a uma técnica de transmissão de dados, mas torna-se um projeto existencial. Por meio do diálogo intersubjetivo, Flusser aspira a revitalizar o potencial inventivo das relações humanas, reintroduzindo o questionamento, a criatividade e a atenção ao outro como princípios fundamentais. Nesse sentido, sua filosofia indica que a ruptura com a “obsessão pela objetividade” requer a compreensão de que os modelos culturais e os códigos que os sustentam são sempre interpretáveis e passíveis de reinvenção (FLUSSER, 1986, p.3). É nesse espaço de reconfiguração que o sujeito pode reencontrar a liberdade de criar, comunicar e, sobretudo, reconstruir a própria humanidade, em meio aos desafios éticos e tecnológicos de nosso tempo.

A Criação de Sentido na Epistemologia Intersubjetiva

A crítica de Vilém Flusser ao conhecimento objetivo e sua defesa de uma abordagem mais flexível e contextual constituem elementos centrais de sua concepção de intersubjetividade. Do ponto de vista epistemológico, Flusser afasta-se da noção de verdade universal, propondo que toda construção de saber se vincule às interações humanas e aos contextos socioculturais onde emerge. Desse modo, interpretações e crenças são continuamente negociadas no seio de comunidades, de modo que sua validade não é dada a priori, mas se legitima conforme o dinamismo das relações intersubjetivas.

Desde *Língua e Realidade*, Flusser (1963) evidencia a influência que a linguagem exerce na percepção e na ação humanas. Dialogando com Ludwig Wittgenstein, ele argumenta que o significado das palavras não é produzido individualmente, mas definido e redefinido coletivamente. Em virtude disso, a linguagem, em sua essência, constitui um fenômeno social, marcado por normas que se reconfiguram incessantemente. Para Flusser, o ato de falar assemelha-se a um “jogo” no qual os interlocutores participam ativamente e criativamente, mantendo o campo semântico em constante transformação. Ao aceitar o caráter mutável dos significados,

abre-se espaço para reinventar formas de conhecer e de viver a realidade cultural, fazendo da linguagem não apenas um canal de transmissão, mas uma ferramenta inventiva que amplia o horizonte do possível.

Em correspondência com a artista Mira Schendel, em 27 de setembro de 1974, Flusser resume esta perspectiva, situando-a em relação a si e sentido da língua para a cultura.

Minha matéria prima é a língua. De maneira que ‘estilo’ é para mim como manipular a língua. Todos os demais gestos decorrerão do meu gesto de trabalhar a língua. Em outros termos: antes de mais nada ‘estilo’ é para mim técnica da fala e da escrita. Mas atenção: o gesto de falar e escrever é muito complexo e dificilmente controlável. Não se delibera um estilo, luta-se por ele. Isto porque o escrever tem (como aliás toda técnica, isto é: ‘arte’), pelo menos três momentos. No primeiro momento a interioridade do ‘artista’ se articula no gesto que esbarra contra a matéria prima. No segundo o gesto é absorvido e modificado pela matéria prima. No terceiro momento a matéria prima modificada pelo gesto passa a comunicar a interioridade do ‘artista’ aos outros. O problema do estilo se localiza na pausa (*epoché*), entre o primeiro e o segundo momento. É o problema de como adequar a interioridade à matéria, ao mundo, (no meu caso: ao universo do discurso) (Flusser, 1974a, p. 3).

Ao aproximar a língua da arte, atribui a ambas uma dimensão ética que exige um engajamento profundo com o mundo. Em sua visão, língua e arte transcendem a condição de meros instrumentos expressivos, figurando como forças capazes de impactar e reconfigurar estruturas sociais e culturais. Um uso consciente da linguagem — à semelhança da fruição e criação artísticas — implica a transformação dos códigos vigentes, abrindo caminhos para novas experiências e perspectivas.

Essa sensibilidade revela-se em seu rigoroso processo de tradução. Nesta mesma correspondência, Flusser descreve como costumava verter seus textos do alemão, sua língua materna, para o português, idioma de maior uso cotidiano, depois para o inglês, associado a uma visão historicamente articulada, e, por fim, para o idioma em que desejava publicar. Essa prática não era apenas técnica, mas visava “penetrar as estruturas das várias línguas até um núcleo muito geral e despersonalizado, para poder, com tal núcleo pobre, articular a minha liberdade” (ibid.). Desse modo, a atividade de traduzir torna-se um exercício existencial, explorando os limites e as potencialidades das línguas para conectar universos culturais distintos, preservando sempre a abertura para o novo e o imprevisível.

No plano epistemológico, essa perspectiva reforça a ideia de que o conhecimento não se limita a um retrato objetivo da realidade, mas se constrói por meio de processos relacionais

e criativos. O ato de traduzir, seja entre idiomas, seja entre diferentes campos do saber, envolve a interação entre experiências pessoais e coletivas, revelando o caráter situado do conhecimento. É nesse sentido que Flusser confere à ciência um status que transcende o mero acúmulo de dados: mais do que uma busca da verdade objetiva, a prática científica desponta como atividade criativa, na qual a subjetividade do pesquisador e a alteridade dos interlocutores são pressupostos fundamentais para a produção de um saber inventivo e ético.

Para Flusser, superar a crise contemporânea do conhecimento implica, assim, a redescoberta de um sentido ampliado de pesquisa e técnica, em que a dimensão ética e estética seja levada em conta de modo inegociável. Ele critica a crença positivista na neutralidade científica, observando que a própria essência do fazer científico está imersa em interações sociais e valores culturais (FLUSSER, 1973). Nessa perspectiva, a dicotomia entre inspiração subjetiva e objetividade rígida deve ser ultrapassada em favor de uma epistemologia sintonizada com as implicações políticas, filosóficas e humanas de suas descobertas. Na medida em que o sujeito assume responsabilidades éticas sobre o conhecimento que produz, a ciência adquire uma relevância mais ampla, tornando-se um campo fértil para o florescimento de consciência crítica e liberdade criativa. Dessa forma, ao revalorizar a participação ativa e dialógica no conhecimento, Flusser aponta para uma prática científica que refaz laços com a experiência cotidiana, inaugurando novas possibilidades de pensar e habitar o mundo.

A Dimensão Ética e Intersubjetiva do Conhecimento

A ideologia que distingue entre sujeito e objeto está sendo, lentamente e penosamente, abandonada. Não concebemos mais o mundo enquanto objeto de pesquisa, nem o homem enquanto o sujeito que `faz pesquisa`. Não dizemos pois mais que nós pesquisamos o mundo, mas que somos, em um dos nossos aspectos, pesquisas do mundo. Porque não cremos mais que gesticulamos, mas que somos gesticulação. Estamos deixando de ser humanistas, estamos abandonando as várias ideologias burguesas com os falsos problemas de `idealismo` e `realismo` que implica, para admitir, um tanto humilhados, que somos parte da realidade concreta, profundamente implicados nela, e inseparavelmente permeados por ela. Em suma: admitimos que nosso ser em todas as suas manifestações, inclusive na da pesquisa, é um estar-no-mundo (FLUSSER, 198-a, p. 6).

A crítica de Flusser ao conhecimento objetivo e sua consequente proposta de reformulação epistemológica ocupam posição de destaque em seu pensamento. Ao denunciar o risco de uma objetivação estéril, desprovida de implicações éticas, Flusser enfatiza como tal

afastamento se manifesta em figuras recorrentes na modernidade, como o especialista e o funcionário (FLUSSER, 2002). Para ele, esses tipos atuam quase como autômatos, incapazes de perceber o alcance cultural e social de suas práticas. Nesse quadro de alienação, a desconexão ética dos indivíduos com o mundo dá ensejo a uma prática tecnicista que ignora o diálogo e a comunicação, reduzindo a responsabilidade coletiva ao cumprimento de tarefas fragmentadas.

Consciente dessa problemática, propõe uma ética inserida no cerne das relações culturais e comunicacionais, entendendo-a como imprescindível para enfrentar os desafios da modernidade e do avanço tecnológico. Apesar de possuir relativamente poucos textos dedicados exclusivamente ao tema — apenas 22 artigos — a questão ética permeia transversalmente sua obra, testemunhando sua compreensão de que a ação no mundo é contínua, interconectada e inseparável de uma responsabilidade compartilhada.

No livro *Os Gestos* (FLUSSER, 198-a), Flusser adota uma perspectiva fenomenológica para examinar o agir humano. Ele investiga os significados das ações cotidianas, ressaltando as interfaces entre sujeito e objeto mesmo naquelas gestualidades que parecem automatizadas. Observa-se aqui a influência de Heidegger, sobretudo na concepção de “ser-no-mundo” e “ser-com”: segundo Flusser, um gesto não constitui simplesmente a expressão de um indivíduo, mas evidencia como estamos essencialmente vinculados ao mundo e aos outros. Em tal perspectiva, os gestos fazem sentido apenas em um contexto partilhado, no qual diversas pessoas estão envolvidas, e onde os significados se formam colaborativamente.

Essa visão conduz Flusser a defender que os gestos só podem ser adequadamente compreendidos dentro de uma matriz intersubjetiva, ainda que suas origens não se expliquem exclusivamente em termos funcionais ou causais. No ato de comunicar e interpretar gestos, situados em contextos culturais e sociais compartilhados, a intersubjetividade atua como fundamento para a constituição de sentidos. Portanto, o significado de qualquer gesto permanece indissociável das relações entre sujeitos que compartilham referências simbólicas e culturais comuns.

Além disso, salienta como os gestos são condicionados por estruturas sociais e culturais, sugerindo que a intersubjetividade transcende a mera presença física do outro: implica, também, a partilha de significados e símbolos que definem a compreensão humana. Desse modo, a perspectiva flusseriana evidencia que ética, cultura e comunicação estão intimamente

entrelaçadas, e que os gestos constituem um campo privilegiado para analisar tais relações, possibilitando entender de que forma nos vinculamos eticamente com o mundo e com aqueles que nos cercam.

A busca por autonomia e liberdade individual, associada ao desejo de remodelar os ambientes em que estava inserido, revela uma ética que se imbrica profundamente com sua filosofia e com a cultura. Essa perspectiva impacta diretamente sua teoria da comunicação, onde o diálogo se estabelece como eixo fundamental. Em linha com a influência buberiana, Flusser associa a defesa de uma abordagem relacional à necessidade de se abrir ao diálogo com a realidade, com o outro e com o mundo. A intersubjetividade, nesse sentido, constitui o processo pelo qual as pessoas constroem, negociam e compartilham significados em seu ambiente sociocultural. A experiência subjetiva é, pois, enriquecida pela interação social, e o conhecimento emerge como resultado dinâmico de relações humanas, nas quais significados são herdados, modificados e transmitidos ao longo do tempo.

Ao defender uma vivência mais horizontal, Flusser propõe um ambiente estético capaz de reformular o conhecimento e romper estruturas hierárquicas. Essa abordagem favorece a revalorização das interações sociais, na medida em que o saber deixa de ser estático ou limitado por esquemas rígidos, convertendo-se em um processo em constante evolução. Assim, para Flusser, a intersubjetividade não constitui apenas um recurso teórico para compreender a comunicação, mas um instrumento de criação de espaços de liberdade, em que diálogo e renovação se tornam permanentemente viáveis.

A Experiência Estética como Campo Intersubjetivo

Na proposta de Flusser, ao lado do conhecimento do mundo e do engajamento ético, a estética emerge como um terceiro alicerce para entender os dilemas das sociedades contemporâneas. Tal enfoque não se restringe ao sentido estritamente artístico, mas abrange uma ampla gama de vivências e práticas culturais. Para ele, o termo “estética” assume contornos diversos: oscila entre experiências sensíveis e processos de criação coletiva, ajustando-se aos fenômenos observados e às reações que suscitam nos sujeitos que os vivenciam.

Entre os muitos pontos em que a estética atravessa sua obra, destacam-se: a reflexão sobre a poesia, os diálogos com artistas de várias vertentes, a contribuição para a Bienal de Artes de São Paulo, a articulação entre estética e tecnologia e, em especial, a defesa da chamada “arte sociológica”. Em conjunto, esses elementos delineiam os modos pelos quais Flusser interpreta a cultura e culminam em sua concepção de intersubjetividade.

O período em que publica *Língua e Realidade* (FLUSSER, 1963) marca também sua consolidação no efervescente cenário cultural paulistano, colocando-o em contato com autores como João Guimarães Rosa, Dora Ferreira da Silva, Haroldo de Campos, Décio Pignatari e Marly de Oliveira, entre outros. Esse convívio plural aprofundou suas reflexões acerca da linguagem e expandiu sua compreensão estética e intersubjetiva. Seguindo as premissas de sua análise linguística — de que a língua molda a realidade —, Flusser enxerga a poesia como um território criativo em que o intelecto pode ultrapassar a repetição e a automatização do cotidiano. Na poesia, encontra-se aquilo que ele chama de “exploração do inarticulado”, uma zona de espanto que estimula novas percepções do mundo e convida o sujeito a experimentar uma forma de pensar que rompe com os padrões estabelecidos.

A poesia brotaria daquela situação problemática na qual me encontro quando de alguma maneira transcende minha circunstância e a mim mesmo, e procuro articular este meu encontro. E, com efeito, as articulações que resultariam de tal situação seriam teorias (poesia) que procurariam reconquistar o engajamento perdido (FLUSSER, 1976, p. 4).

Esse mesmo impulso se manifesta no diálogo com as artes plásticas. Para Flusser, a obra de arte não é objeto de simples contemplação passiva, mas um meio de interação que desafia o espectador a repensar seus próprios valores e significados. Nessa interação, a arte se faz campo fértil para a intersubjetividade, permitindo que artista e público se engajem em uma construção de sentido conjunta. Mira Schendel, Samson Flexor, Edmar de Almeida, Antonio Henrique Amaral, Fred Forest e Joan Fontcuberta ilustram alguns dos nomes que alimentaram o pensamento de Flusser. Ao analisar suas produções, ele combina, de modo sistemático, três dimensões: fenomenológica, buscar experimentar a obra “pela primeira vez”, desvelando suas camadas mais profundas de significado; ética, interrogar o sentido que a criação artística comunica, decodificando as mensagens subjacentes; e técnica, analisar os materiais, procedimentos e gestos do artista, compondo uma crítica rigorosa e detalhada (FLUSSER, 1974b).

Essa abordagem tripartite transcende a fruição puramente estética, pois Flusser insiste na ideia de que a arte deve ser interpretada como diálogo. As imagens artísticas, nesse sentido, são veículos de troca intersubjetiva: no encontro com a obra, o espectador não apenas a recebe, mas projeta nela sua própria experiência, ativando um processo de questionamento e reinvenção da realidade.

Flusser ampliou essas reflexões ao participar ativamente da Bienal de Artes de São Paulo, onde assumiu um papel crítico e curatorial. Seu desejo era converter a Bienal em um espaço de diálogo efetivo, rechaçando o modelo tradicional que deixava o público em posição passiva de consumidor de mensagens artísticas. Em 1971, ao apresentar suas ideias à Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) (FUNDAÇÃO BIENAL, 1971), Flusser chamou atenção para a necessidade de “maximizar” a comunicação, não mais no sentido de mera difusão de conteúdos, mas como experiência dialógica que acolhesse a co-criação de significados.

Posteriormente, essas ideias foram aprofundadas no projeto sobre “Arte Sociológica”, em sua vivência europeia. O contato com pensadores como Jean Baudrillard, Néstor García Canclini, Paolo Costa, Jean Duvignaud, Edgar Morin, Mario Perniola e Pierre Restany reforçou a noção de que a arte deveria transcender o objeto estético e assumir uma vocação transformadora. Para Flusser, a estética não poderia se restringir ao campo subjetivo e autorreferente; ela deveria abarcar dimensões políticas e epistemológicas, tornando-se espaço de reflexão, ação e mudança social.

Quando teve oportunidade de expor estes argumentos, afirmou:

[...] a arte sociológica é o oposto da técnica social. No entanto, a meta da arte sociológica não é, como é caso da arte moderna, a de propor à sociedade, modelos `estéticos`, modelos de vivência concreta. A sua meta é de permitir à sociedade e ao próprio artista viverem em conjunto, conhecerem-se mutuamente, e alterarem-se mutuamente. Por se fundirem, na arte sociológica, sujeito e objeto em diálogo mútuo, fundem-se eles também na vivência, no conhecimento, e no engajamento. Uma vez superada a divisão entre sujeito e objeto, é superada também a divisão entre ciência, política e arte. De maneira que o fazer da arte sociológica não é nem artístico, nem científico, nem político, mas é tudo isto simultaneamente em novo nível (Flusser, 198-b, p. 4).

Nessa chave, a estética ganha contornos decididamente intersubjetivos. A experiência diante da arte envolve um jogo de sentidos em que os participantes — artistas, espectadores ou ambos — se co-implicam, descobrindo e redescobrendo significados além de suas percepções

iniciais. Em sintonia com sua crítica ao conhecimento objetivo, Flusser sugere que o estético tampouco pode ser abordado de modo neutro e descontextualizado. Da mesma forma que o saber científico depende de trocas intersubjetivas, a fruição artística exige um diálogo constante de olhares e interpretações que se renovam.

Essa vivência coletiva inaugura uma dimensão ética e epistemológica: o ato de criar ou apreciar arte reflete uma postura diante do mundo, na qual a relação com o outro (e com a própria obra) é fundamental para a emergência de significados. Longe de ser um exercício solitário, a estética constitui um espaço propício à criação compartilhada de sentido, reafirmando a convicção de Flusser na força do diálogo e na contínua reconstrução da cultura. A arte, nesse cenário, torna-se uma via privilegiada para fomentar visões alternativas, questionar estruturas consolidadas e gestar novas formas de engajamento ético e epistemológico, ancoradas na liberdade e na responsabilidade mútuas.

A Crise Tecnológica e as Possibilidades de Superação Intersubjetiva

Na análise de Vilém Flusser acerca das mídias e dos impactos culturais e comunicacionais das tecnologias — desenvolvida em obras como *Filosofia da Caixa Preta* (FLUSSER, 2018) e *Elogio da Superficialidade* (FLUSSER, 2019b) —, observa-se um duplo movimento: por um lado, há a crítica contundente aos efeitos desumanizadores dos dispositivos técnicos; por outro, desponta uma visão prospectiva sobre a possibilidade de superar criativamente tais restrições. No cerne dessa discussão encontra-se a valorização da intersubjetividade e do engajamento consciente diante dos aparelhos, uma vez que, para Flusser, são eles que moldam de forma decisiva o pensamento e a ação humanas.

Afastando-se da ideia de neutralidade tecnológica, Flusser argumenta que os aparelhos não são isentos de implicações éticas ou estéticas, pois condicionam os modos de pensar e agir por meio de seus “programas”. Essa imposição restringe o potencial comunicativo ao oferecer uma informação padronizada, transformando o diálogo autêntico em algo escasso e ameaçando a diversidade cultural. Nesse contexto, a figura do “funcionário” evidencia a condição contemporânea de subserviência às lógicas impessoais. Inspirado em personagens como Josef K. e Gregor Samsa, de Franz Kafka (2017a; 2017b), bem como no julgamento de Adolf Eichmann, analisado por Hannah Arendt (2017), Flusser descreve o “funcionário” como

alguém alheio à criatividade e à responsabilidade ética, integralmente submetido às engrenagens burocráticas ou tecnológicas.

Essa dinâmica se reflete em uma tecnocracia que reconfigura o tecido social ao seduzir indivíduos por meio de promessas de eficiência e simplificação. Contudo, ao delegar capacidades cognitivas aos aparelhos, os usuários podem tornar-se operadores passivos, incapazes de criar ou questionar. Para Flusser, tal processo aliena e despersonaliza as relações humanas, fragilizando as conexões intersubjetivas e esvaziando o papel criativo do sujeito na cultura contemporânea.

A crítica flusseriana às tecnologias encontra-se profundamente ligada à crise da imaginação. Em um ambiente dominado por soluções prontas e modos operacionais pré-programados, a criatividade e a expressão livre são comprometidas. O resultado é o que Flusser chama de “maré kitsch” (FLUSSER, 1971): uma abundância de conteúdos superficiais, consumidos sem reflexão crítica. Essa banalização afeta tanto a individualidade quanto a vitalidade das trocas intersubjetivas, comprometendo a multiplicidade de perspectivas que enriquece o diálogo social.

Flusser adverte ainda para um totalitarismo silencioso, em que a coerção não ocorre de forma explícita, mas por meio da dependência inconsciente das estruturas técnicas. Ao padronizar pensamentos e ações, os aparelhos conduzem a uma paralisia criativa que mina o exercício de imaginação e empatia. Quando todos recebem as mesmas informações e operam sob programas idênticos, a comunicação intersubjetiva perde profundidade e a diversidade de experiências é subjugada por uma uniformidade artificial. Para o autor, a recuperação da criatividade e da capacidade crítica torna-se, então, uma exigência ética e política: apenas através delas é possível transcender o determinismo tecnológico e preservar a liberdade humana.

Apesar da contundência da crítica, Flusser propõe uma perspectiva construtiva. Ele advoga por uma reformulação na maneira de lidar com as tecnologias, na qual a criatividade individual, o diálogo e a consciência ética tenham precedência sobre a simples repetição de programações impostas. Inspirando-se no xadrez — jogo cujas regras básicas, embora limitantes, estimulam a estratégia e a inovação —, Flusser sugere que as tecnologias podem ser reinterpretadas, de forma que as pessoas se tornem agentes criativos e não meros operadores passivos. Nessa visão, a intersubjetividade assume um papel crucial, apresentando-se como

processo de cocriação de significados e como meio de reconstituir a profundidade das relações humanas em face da fragmentação tecnológica.

A educação, em particular, é concebida como terreno privilegiado para cultivar essa intersubjetividade renovada. Em meados da década de 1960, Flusser buscou concretizar estas ideias ao ser convidado para colaborar na elaboração do curso de Comunicação e Humanidades da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP-SP). Em uma carta dirigida a Miguel Reale, expõe a síntese destas reflexões e como poderiam ser aplicadas em uma proposta pedagógica integrada:

Em suma: acredito que é possível superar a nefasta separação da arte, da política e da ciência, tão tipicamente burguesa e que resultou em arte pela arte, em política enquanto ideologia, e em ciência enquanto ‘pesquisa objetiva’, somente depois de ter superado a pretensa ‘subjetividade da inspiração’ tanto quanto a pretensa ‘objetividade do conhecimento científico’. E isto é possível somente se admitirmos que toda arte tem dimensão autenticamente epistemológica, toda política tem dimensão estética e epistemológica, e que ciência é um fazer artístico e político que visa conhecer o mundo afim de torná-lo melhor e mais belo. Isto é: se admitirmos a intersubjetividade de todo fazer humano, o fato de ele estar no mundo com outros, e de estar no mundo por nele estar com outros (FLUSSER, 1977, p. 2).

Flusser insiste em práticas pedagógicas que vão além do ensino formal, incentivando a imaginação, a discussão reflexiva e a participação ativa. Para ele, o objetivo não se restringe a formar indivíduos aptos a lidar tecnicamente com a tecnologia, mas a fomentar sujeitos capazes de questionar, reinventar e ampliar seus horizontes de sentido. Dessa forma, a formação intelectual e cultural deixa de ser mera transmissão de conteúdos e se converte em prática de resistência, contrapondo-se à massificação e à despersonalização estimuladas pelo aparato técnico (BORNHAUSEN, 2020).

Em síntese, Flusser equilibra sua crítica às tecnologias contemporâneas com uma visão otimista sobre o potencial humano. Se, por um lado, ele enfatiza os riscos da estagnação criativa e da homogeneização cultural, por outro reconhece na intersubjetividade a força necessária para transcender tais limites. O diálogo, a imaginação e a cooperação representam, assim, instrumentos decisivos para reimaginar e transformar o vínculo entre humanidade e tecnologia. Para Flusser, a tarefa primordial consiste em identificar as armadilhas dos sistemas programados e buscar caminhos que reafirmem a liberdade, a diversidade e a criatividade — pilares essenciais de uma sociedade mais conectada, plural e verdadeiramente humana.

Conclusão

A trajetória intelectual de Vilém Flusser delineia um mosaico em que epistemologia, ética e estética não apenas se interconectam, mas mutuamente se nutrem e se ampliam. A análise empreendida ao longo deste artigo demonstrou como essas três dimensões, na obra do autor, funcionam como pilares de uma crítica às formas hegemônicas de pensamento que condicionam a cultura e a comunicação. Em Flusser, contudo, a crítica não se detém na identificação de limites: pelo contrário, ela aponta para possibilidades de recriação desses modelos culturais, tendo a intersubjetividade como eixo metodológico e relacional.

O fundamento dessa abordagem encontra-se nas experiências pessoais de Flusser, notadamente o exílio e o desenraizamento, bem como em sua compreensão sacralizada do encontro humano. Essa sacralidade revela influências judaicas — em que memória e continuidade da existência se tornam essenciais — e filosóficas, sobretudo no diálogo com Martin Buber, Edmund Husserl e Martin Heidegger. De Buber, Flusser absorve o potencial ético do encontro dialógico; de Husserl, a importância da intersubjetividade para a constituição de um mundo vivido comum; e de Heidegger, o *Mitsein* (ser-com) e o cuidado como expressões de uma existência intrinsecamente relacional.

Essas bases intelectuais não operam de modo fragmentado na obra de Flusser. Antes, convergem para a formulação de uma estratégia metodológica na qual a intersubjetividade se oferece como chave interpretativa de fenômenos culturais e comunicacionais. Percebe-se, assim, como o autor emprega esse prisma tanto para questionar visões reducionistas quanto para propor instrumentos de superação. Em particular, nas reflexões sobre a tecnologia, Flusser realça a função indispensável da intersubjetividade como ponte capaz de religar informações, sujeitos e ferramentas comunicacionais, conferindo sentido e autenticidade ao diálogo humano.

Nessa direção, a intersubjetividade surge como fundamento de uma “comunicação ecológica”, que remete à articulação de saberes e experiências em oposição às narrativas técnicas e fragmentárias. Essa proposta ressalta a criatividade, a liberdade e a abertura ao outro como centrais na edificação de uma sociedade mais interligada e humana. Tal concepção ecológica da comunicação, baseada na interação constante de diferentes perspectivas, recupera

o potencial criativo e a capacidade inventiva dos sujeitos, sublinhando a importância do diálogo genuíno em meio a contextos tecnológicos cada vez mais complexos.

A relevância contemporânea do legado de Vilém Flusser evidencia-se ao se constatarem as tensões éticas, epistemológicas e estéticas que atravessam nosso cenário global. Sua reflexão ilumina tanto as crises culturais e tecnológicas de sua própria época quanto as do presente, apontando para caminhos nos quais a intersubjetividade constitui o alicerce de uma sociedade voltada à construção coletiva de sentidos. Dessa forma, a obra de Flusser continua a exercer um papel transformador na filosofia da comunicação e na prática educativa, ao propor que pensar, agir e viver de modo mais consciente, criativo e solidário permanece não apenas desejável, mas sobretudo necessário.

Referências

- ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalem: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BORNHAUSEN, Diogo. **Os modelos culturais e a crise da educação: caminhos pedagógicos na Comunicologia de Vilém Flusser**. 103-121. Revista Intexto, n. 51. Porto Alegre: UFRGS, 2020.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 1974.
- FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **Mesa redonda internacional de críticos de arte**. São Paulo: FBSP. Documentos não catalogados, compostos por transcrições de falas dos participantes, 1971.
- FLUSSER, Vilém. **Pós-História: vinte instantâneos e um modo de usar**. São Paulo: É Realizações, 2019a.
- _____. **Elogio da superficialidade: o universo das imagens técnicas**. São Paulo: É Realizações, 2019b.
- _____. **Filosofia da caixa preta. Ensaio para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: É Realizações, 2018.
- _____. **A Escrita. Há futuro para a escrita?** São Paulo: Annablume, 2010.
- _____. **A história do diabo**. São Paulo: Annablume, 2008.
- _____. **Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- _____. **On Edmund Husserl**. In. Essays 6_English-O. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1987.
- _____. **Sujeito e Objeto está em xeque na cultura ocidental**. Revista Pau-Brasil. In. M6_Ita_415_Pau Brasil_416_Rioart_417_Shalom_418. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1986.
- _____. **Ame ao teu outro como a ti próprio**. Revista Shalom. In. Essays 2_Portuguese-A_Aber-Aut. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1982.
- _____. **Pilpul**. Revista Shalom. In. Essays 15_Portuguese-P. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1981.
- _____. **A Sociedade Pós-Industrial**. In. Essays 1_Portuguese-A_10-A. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1980.
- _____. **Os Gestos**. In. Books 11_1-Gee [2083] Gestures_1-Gep [2090]_Gestos. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 198-a.
- _____. **10 anos de arte sociológica**. In. Essays 1_Portuguese-A_10-A. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 198-b.
- _____. **A Crise das Ciências, a proximidade e o desejável**. Revista do Instituto Brasileiro de Filosofia. In. M5_Ibf_219. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1979.
- _____. **Correspondência com Miguel Reale. 21 de dezembro de 1977**. In. Cor_63_Instituto Brasileiro de Filosofia 2 of 3. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1977.
- _____. **Alguns Problemas atuais em poesia**. In. Essays 2_Portuguese-A_Aber-Aut. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1976.
- _____. **Correspondência com Mira Schendel. 27 de setembro de 1974**. In. Cor_31_6-Portuguese Brazilian Artists 3 of 3. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1974a.
- _____. **Correspondência com Antonio Henrique Amaral. 15 de abril de 1974**. In. Cor_29_6-Portuguese Brazilian Artists 1 of 3. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1974b.
- _____. **Óculos**. In. Essays 14_Portuguese-O. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1973.
- _____. **Kitsch e Pós-História**. Revista ArtSP. In. Essays 11_Portuguese-J-K-L. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1971.

_____. **Atestado de Falta de Fundamentos**. In. Books 33_1_Bop_Atestado de Falta de Fundamentos. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 197-.

_____. **Língua e realidade**. São Paulo: Herder, 1963.

HUSSERL, Edmund. **Psicologia Fenomenológica e Fenomenologia Transcendental. Textos Seleccionados (1927-1935)**. Petrópolis: Vozes, 2022.

HEIDEGGER, Martin. **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2006.

KAFKA, Franz. **O processo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017a.

_____. **A metamorfose**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017b.